

# A BATALHA



A POLICIA QUE MANTEM A "ORDEM"

## Roubos, "escroqueries", subornos e assassinatos!

Pelos relatos insuspeitos da imprensa burguesa apura-se que o Governo Civil é uma caverna de ladrões e de assassinos, onde a honestidade anda às vezes por engano

O chefe Xavier acusado de organizar vários "complots" e de ter armado o braço dos que atentaram contra a vida de Ferreira do Amaral!

Quando *A Batalha*, segura do que afirmava, apontava desassombrosamente os crimes da polícia, a imprensa conservadora, embora reconhecendo que nos assistia razão e que ainda não era tudo o que diziamos, ou calava ou quebrava lanças pela "honradez e benemerita corporação a quem estava confiada a manutenção da ordem".

Clamávamos de cá que a corporação da "ordem" era a maior desordem e que os agentes na sua maioria tinham as mãos sujas do sangue das suas vítimas ou da lama dos seus roubos e falcatacas.

A opinião burguesa e sensata não nos creditava, porém. Eram os bolchevistas que pretendiam a dissolução da sociedade...

Agora não é apenas *A Batalha* que faz revelações esmagadoras contra a polícia. É a imprensa burguesa que desvenda e traz à luz da publicidade delitos tremendos, formidáveis — não somos nós.

Alguns dos apontados por essa imprensa têm responsabilidades paurosas em crimes que foram atribuídos à Legião Vermelha. O atentado contra o comandante Ferreira do Amaral, pelo que se depreende de uma acusação que mais adiante transcrevemos, foi fomentado pelo chefe Xavier, bem como outros que não chegaram a eclodir.

Verifica-se que o Governo Civil é uma caverna de ladrões e assassinos, onde poucas criaturas honestas por lá andam por engano.

Dali partem incitamentos ao roubo, porque a polícia vive do roubo; incitamentos ao assassinato, porque é ainda do assassinato que alguns agentes vivem e medram.

Mas não acusemos nós neste momento em que outros jornais, partidários da existência da polícia e, portanto, insuspeitos, dizem tanto ou mais do que nós poderíamos dizer.

A esses jornais, pois, vamos dar a palavra.

### Roubos, subornos, etc.

A Tarde de anteontem publicava entre outras referências o seguinte:

Diz-se, por exemplo, e não sabemos que fundamento isso tenha, que um conhecido chefe policial se apoderou de valores pertencentes a uma sua tia proprietária dum tabernáculo; que esse mesmo chefe dirigiu uma casa de tavolagem em Torres Vedras; que recebeu quatro contos dos diretores da Sociedade de Pescarias, quando do assalto ao cobrador na rua 24 de Julho; que aceitou uma gratificação de três contos do proprietário da ourivesaria de São Paulo para fazer a apreensão de todas as jóias roubadas

e diz-se que, tendo apreendido todos os valores roubados, que montam a uns 82 contos, não entregou ao dono; e que numa ida a França gastou mais de seis contos em roupas brancas, chapéus, calçado e prendas, sem ter feito o serviço policial de que o incumbiram.

Quem é este chefe, cujo nome a Tarde ainda anteontem ocultava?

O chefe Xavier!  
O responsável pelo atentado contra Ferreira do Amaral

Mas o Mundo de ontem publicava uma queixa de um agente que é um

libelo acusatório contra o mesmo chefe Xavier.

Ei-la:

Cópia da participação dada pelo agente Reis e Sousa ao seu Director em 22 de Abril de 1926.

«Ex.º senhor. Sem que o move qualquer espírito de vingança mas unicamente com o fim de nobilitar a corporação a que se honra de pertencer e v. ex.º tão proficiamente dirige, vem o agente abaixo assinado revelar a v. ex.º factos que julga bastante graves cometidos por um funcionário superior desta polícia.

Não são gratuitas as acusações que vai fazer, e até para elas indicará testemunhas suficientes para cada facto, prontificando-se a reforçar essa prova se for necessário, e também não só vítima, a qualquer esquina, do brago homicida de algum facinora que opere a sólido de alguém, porém, o receio de uma vingança não o faz retroceder e a v. ex.º, se tal se der competição aos provimentos necessários para a punição dos criminosos, e assim acusa o senhor chefe José Francisco Xavier.

Primeiro: de tentar organizar um atentado dinamítico contra a vida de um seu superior, o ex.º sr. dr. Crispimiano da Fonseca, Director da Polícia de Investigação Criminal de Lisboa, atentado que seria cometido por meio de bombas colocadas no gabinete daquele sr. Director, ou na retrete de que o mesmo se serve, tendo feito convite para a sua execução não só ao agente signatário como também a Artur Inácio, residente na rua Val Formoso de Cima, n.º 221, e aos deportados Arsénio José Filipe e Daniel Severino, convite que todos repudiaram.

Deste facto deu o agente abaixo assinado conhecimento ao sr. chefe Alfredo Maria, que por sua vez também reprimorreu a ideia daquele. Além dos depoimentos que podem prestar os indivíduos já indicados têm conhecimento por ouvir os próprios mais os seguintes:

Seguem os nomes de quatro indivíduos. Segundo de ter instigado ao cometimento do atentado de que foi vítima o comandante da Polícia de Segurança Pública, ex.º sr. Ferreira do Amaral, directamente àqueles

que o cometeram, às mesas do café *A Brasileira* e via pública, servindo-se até quase sempre da frase: Quando é que liquidam o barbado?

Podem testemunhar este facto além dos legionários deportados, e dos presos no forte de Monsanto, os seguintes indivíduos.

Seguem os nomes de doze indivíduos.

Terceiro: de ter-lhe sido dito pelo preso Mário Fontainhas, detido como um dos autores do assalto à mão armada ao cobrador da Sociedade de Pescarias, que sobre um armário na sua residência tinha uma porção de bombas, das que ele chefe tinha mandado fazer, não tendo apreendido como lhe competia, e ignorando-se ainda hoje o seu destino.

Este facto além do agente abaixo assinado e do seu colega Delgado e Teixeira da 4.ª secção, prenderam no Pote de Aguas os assaltantes da ourivesaria de S. Paulo e lhes apreenderam várias pistolas, mandaram buscar a casa uma pistola "Parabellum" das usadas pela marinha, já enferrujada, e a trocar por uma pistola "Parabellum" do exército, nova, mandando que fosse feito exame à dele, dando assim lugar a encontrar-se falsamente em Juiz de Fazenda um auto de exame a uma pistola que não foi apreendida. Podem testemunhar este facto os meus referidos colegas e os presos do crime referido.

Quinto: de se encontrar nas casas de jôgo quando ali iam as brigadas de agentes, que por ordem de v. ex.º procediam à repressão do jôgo de azar, o que não só desmorava, como também concorria para que as visitas fôssem mais moderadas.

Podem testemunhar este facto os agentes que têm sido nomeados para tal serviço.

Teve o abraço assassinado conhecimento de seu irmão David Reis e Sousa, que lhe havia sido dito pelo agente Correia Fernandes, que o mesmo sr. chefe, tinha recebido uma gratificação de Esc. 20.000\$00 das casas de jogo, porém, sómente aquele agente poderá justificar a sua acusação.

O agente abaixo assinado, prontifica-se também, e pede-a a v. ex.º que o ordene, a ser acarreado não só com aquele sr. chefe,

como também com qualquer testemunha que porventura, receando represálias daquele, não deponha com verdade.

Por todos os factos que ficam expostos, e que na sua maioria estão previstos e puníveis pelo Código Penal, entende o abraço assassinado, seu dever, levá-lo ao conhecimento de v. ex.º para os fins que julgar convenientes.

(Segue a data e a assinatura do agente). (Está conforme o original).

A população à mercê da polícia  
venal

Mas o xefe Xavier — o homem honrado que ia salvar a sociedade, quando das deportações — não é o único criminoso que o governo civil alberga.

Leiam os leitores o facto que a seguir publicamos e que nos foi relatado pela Associação dos Inquilinos, de cujo ofício informativo recordamos as seguintes passagens:

Maria Quiteria, uma pobre rapariga de pouco mais de 30 anos, dedicada servical, foi há mais de 4 anos, convidada por um parente de uma velhota gravemente enferma e no maior estado de imundície, que então morava no 1.º andar direito do prédio 88 da rua das Janeiras Verdes, a ir tratá-la sem qualquer remoção mas com o compromisso de ser a herdeira da moradia e recheio da residência, com o consentimento da proprietária, a sr.ª D. Laura Chaves, rua Castilho, 17, 3.º, facto de que existem muitas testemunhas.

Faleceu a velhota em Fevereiro p. p., depois de 4 anos da Quiteria lhe ter dispensado os maiores carinhos e realizado os maiores esforços para cuidar da limpeza do corpo e casa da doente.

Como quer a proprietária, amiga da velhota, se esquecesse da sua antiga iniquidade e o egoísmo lhe fizesse negar o compromisso tomado, deu em procurar todos os processos para intimidar e vexar a Quiteria, exigindo-lhe, por intermédio do seu procurador, 350\$00 de renda e 12.000\$00 de trespassa, por uma habitação em que pagava 81\$00, cuja verba vem depositando.

Não tendo dado resultado este processo, porque a Quiteria, sócia da Associação dos Inquilinos, se opôz, deram em procurar a intervenção da Polícia de Investigação Criminal, a fim de que esta, num assomo de abuso de autoridade, conseguisse intimar a sair da habitação a Quiteria.

O agente António Teixeira, ignoramos se com ordens superiores, intimou por duas vezes a pobre Maria Quiteria a comparecer no governo civil, onde depois de vários insultos a intimava a abandonar a habitação e entregar a chave, no que não era atacado com o fundamento na promessa havida, até que o agente, de combinação com o homem que convidara a Quiteria para tratar a velhota, a meteram num calabouço com várias, infantes e infundadas ameaças. Situação de que conseguiu livrarse quando disse fer o seu caso entregue à Associação dos Inquilinos.

Também sabemos que para mascarar a verdadeira intenção das ameaças, que era apoderarem-se da chave da casa se fez a falsa acusação de a Quiteria ter ficado com o espólio da velhota, o que se sabe ser falso pois o referido parente desta tudo tinha levado, até sem a devida habilitação oficial do herdeiro.

### Um que se envergonhou

O agente da Polícia de Investigação Criminal sr. Albano Macedo suicidiou-se ontem de manhã, com dois tiros de pistola no peito, junto à fábrica de cerveja Escola.

Alistar-se na Polícia de Segurança Pública é de 6 de Novembro de 1911, tendo passado para o serviço da investigação criminal em 28 de Fevereiro de 1919.

Foi expulso da corporação em 2 de corrente pelo conselho disciplinar, por ter recebido de um delinquente, em 6 de Maio do ano findo, a quantia de 2.000\$00, para o pôr em liberdade. Logo após a sindicância que lhe foi feita, pedira a sua demissão, indo empregar-se como fiscal das padarias da Companhia Nacional de Alimentação, onde gozava de algumas simpatias pelos favores que lhe fazia...

Em fin, o acto desesperado não anulando as más ações que praticou em vida, coloca-o, entretanto, muito acima dos seus colegas que nem brio possuem.

### UM CASO TRÁGICO

Quando se encontrava no exercício da sua função um pobre "chauffeur" marítimo despareceu misteriosamente nas águas oceânicas de Albufeira

(Do nosso enviado especial ao Algarve).

OLHÃO, 7.—Por triste fatalismo as minhas duas primeiras crónicas sobre o Algarve vão tarjadas de negro. Ambas versam sobre o desaparecimento de operários.

As duas referem a desastres de trabalho: o primeiro ocorrido no Campo de São Luís, em Faro; o segundo, o de agora, ocorrido no mar, a poucas milhas da barra de Olhão. Narreiros este último, visto que o primeiro já é do conhecimento dos leitores.

O "Senhora Ana Isabel", gasolina a óleos pesados pertencente à firma J. N. Pité, Ltd., largou para o mar, anteontem ao sol pôsto, levando a seguinte equipagem: Joaquim de Matos, mestre geral; chauffeur, Júlio Saisas; tripulantes, António Viegas Pereira, Fernandes Carlos e Manuel Barbosas Júnior.

O "Senhora Ana Isabel" que ia ao encontro do vapor da respectiva firma, cerca das 22 horas fundeu em frente de Albufeira, lugar onde se encontrava o referido vapor.

Até aquela hora de extraordinário se tinha passado a bordo do "Senhora Ana Isabel" nem mesmo do vapor que apoiava, o mesmo sucedendo durante mais algumas horas. Porém hoje de madrugada, 2 horas, depois do gasolina e do vapor terem procedido aos necessários trabalhos de pesca, começaram a notar-se que faltava um tripulante do "Senhora Ana Isabel". E quem era o desaparecido? Nem mais nem menos do que o infeliz chauffeur Júlio Saisas, 22 anos de idade, e um dos homens da tripulação que se lembra dos bons deixando-nos cá, como perigo legado, os maus...

Outras pessoas com quem falámos nesta ilha sobre o desaparecimento do Júlio Saisas corroboraram as declarações do "J. N. Pité". Fernandes: o pobre "chauffeur" foi acometido de uma congestão e tombou acidentalmente para o mar, ou uma vés no convés, escorregou e foi fazer companhia aos peixes.

— Qual é a sua opinião sobre o fim do Júlio Saisas?

— Eu não sei. Mas não me desvio muito

da verdade dizendo que o Júlio subiu ao convés e ali foi acometido de qualquer imprevisto que o fez rolar para o mar.

— E qual foi esse imprevisto?

— Naturalmente, uma congestão ou qualquer enfermidade perigosa.

— A concluir:

— Era um belíssimo rapaz. Na tripulação todos o estimavam. E' pena que o destino

só lembre dos bons deixando-nos cá,

como perigo legado, os maus...

Outras pessoas com quem falámos nesta ilha sobre o desaparecimento do Júlio Saisas corroboraram as declarações do "J. N. Pité". Fernandes: o pobre "chauffeur" foi acometido de uma congestão e tombou acidentalmente para o mar, ou uma vés no convés, escorregou e foi fazer companhia aos peixes.

— Seja como for. E' hora de dúvida que este obscuro trabalhador encontrou a sepultura nas oceânicas águas que marinham entre Olhão e Albufeira, onde ainda se conserva a hora de encerrar esta crónica.

Imediatamente ao desaparecimento do chauffeur a bordo produziu-se o pânico que sucede a estes acontecimentos. Pesquisas, inquéritos, conjecturas, raciocínios, etc., tudo se pôs em ebullição.

Como se teria dado o desaparecimento do Júlio Saisas? Ningum sabia, a-pesar-de toda a gente estar intimamente convicida de que o infeliz tinha sido engolido pelo mar.

Dois dos patrões, os srs. José Pité e

Manuel Lázaro que também se encontravam a bordo participaram igualmente dos tra-

balhos — sem curar dos interesses operários.

Protestamos, pois, com toda a

nossa energia contra os boatos que os esquerdistas lançaram, porque

não apoiamos — mais uma vez o de-

clararam perentoriamente — nenhum

dos regimes propostos.

### Na Rússia também vivem inocentes

MOSCOWIA, 8.—Três altos funcionários da repartição das divisas e do comissariado das finanças foram condenados pela polícia política que tem plenos poderes para castigar os crimes dos funcionários. Estes funcionários eram acusados de chefiar um grupo que fazia especulações desonestas na Bósnia, provocando a alta artificial dos valores estrangeiros para aumentar a procura do ouro.

## A BATALHA

TEATROS, MÚSICA  
E CINEMASTeatro  
Joaquim de Almeida

A revista «Fox-trot»

A revista «Fox-trot» agrada principalmente pela maneira gentil como está vestida. Simplicidade, bom gosto e sobretudo uma equilibrada disposição de cores.

O «costumier» e os scenógrafos merecem, portanto, a menção de honra.

Sobre a revista, como espírito e como originalidade só temos que registrar o esforço, bem patente, com que os seus autores lhe emprestaram vivacidade e movimento.

Há quadros bem observados, como o da telegrafia sem fios, râbulas curiosas como a que faz Alvaro de Almeida, entre gostosas gargalhadas. A «Bola de Neve», cantada por Maria-Laura, tem frescura e carácter. Beatriz Costa com sentimento na parapaga que não se deixa arrastar para a perdição. Adelina Fernandes cantando bem, como sempre, os fados. Tereza Gomes, apreciável actriz, que hoje tem já uma personalidade que não se confunde, exemplificando-a em todos os seus papéis. Alvaro de Almeida, actor de belos recursos cómicos, *sui generis*, com muito relevo, saindo fazer-se valer.

Alvaro Pereira, Alfredo Silva e os restantes artistas bem.

A música, na sua maior parte, compilada, agradou. A direcção scénica, de Augusto Soares, de gosto. Como nota final queremos acentuar o desgosto que nos causou ver o distinto actor Joaquim de Oliveira desempenhando papéis que pelo seu carácter

ordinária à hora da tarde, e para a registada recebe-se até às 10,30 da manhã.

Nogueira de BRITO

N. B.—Chamamos a atenção da empresa para o lugar que nos foi dado. Aquela 2.ª plateia é uma forma suave e delicada de designar uma geral pura e simples. A empresa dum teatro popular não tem o direito de estabelecer hierarquias para a imprensa, dando tratamento diverso aos jornais, conforme lhe parece.

N. de B.

Festas artísticas

Vai ser revestida de excepcional brilhantismo a récita de amanhã, no Gimnásio, consagrada à ilustre artista Palmira Bastos. Em «première» irá à cena a linda peça de Bisson «O Rosário», a qual será antecipada dum prólogo em verso, original de Acácio de Paiva.

— Realiza-se a 21 do corrente, no Apolo, a festa artística do ilustrado actor Rafael Marques, que interpretará pela 1.ª vez, a parte de protagonista da tragédia «Otelo».

Réclames

Causou a mais agradável impressão a notícia de reaparecerem com a estreia da revista «Pô de Arroz», no novo teatro Variedades, o actor Vasco Santana e a gentil e graciosa actriz Anita Salambó, que o público anda ansioso por ver regressar à vida do tablado.

— Está marcada a noite de sexta feira próxima, para a «reprise» no Apolo, da popularíssima peça «A Galeria», que terá agora, como protagonista, a gentil e talentosa actriz Ofélia Brochado.

— No Gimnásio dá hoje a sua última representação a engracadíssima comédia «O Az». Não falte, portanto, a quem quiser passar uma noite divertidíssima, gozando um belo espetáculo, que decore sempre entre a mais esfusante alegria.

— O empolgante drama «Os Milhões do Criminoso», que tão extraordinária sensação tem causado no Apolo, vai hoje ali à cena em último domingo.

— Não receia qualquer espécie de concorrente a linda revista «Foot-Ball» em cena no Maria Vitoria porque o público a prefere e as faz sobre todas as peças triunfantes.

— São interessantíssimos os números que compõem o programa artístico que se realiza no Coliseu dos Recreios antes do torneio internacional de luta. Esses números, que são desempenhados pelos notáveis artistas Amorós, «Os Latinos», o «Pintor sem mãos» e José Fialho, tocador de harmonium, todas as noites ouvem os mais entusiásticos aplausos pelo seu magnífico e original trabalho.

— Continua imperturbável na sua carreira, plena de êxito, «O homem das 5 horas», a comédia que tem dado ao Trindade encientes consecutivas. O sucesso hoje será duplo, visto representar-se em «matinée» e à noite e se, em lugar de dois, fôssem três os espetáculos seriam três casas cheias tal é o interesse, de resto justificado, do público em assistir às representações da Companhia Lucília Simões, visto os seus componentes forem todos os seus recursos artísticos ao serviço de uma causa que é a de fazer rir o público, mesmo o mais zizado, de forma que, ao menos durante o tempo que dura o espetáculo, ele esqueça as agravas da vida. Na «matinée» e à noite apresenta-se também o «Jazz-Bands» sul americano, que continua a ser muito aplaudido.

— Antes da comemoração do 2.º centenário do vaudeville «O Pão de Ló», cujo acontecimento se registrará na próxima quarta-feira, 12, surgiu o domingo de hoje para garantir ao popular Teatro Avenida uma encheira igual à de há sete meses seguidos. Esteve Amarante a cantar o novo «Fado do soldado», primorosa produção musical de Wenceslau Pinto.

## ESPECTÁCULOS TEATRAIS

— Nasceu «A dança da meia noite». São lutes... — As 21,15... — Roma galante. Gimnásio... — As 21,30... — O Az. Politeama... — A 21... — Animatógrafo.

— Igreja... — A 21,45... — Os Milhões do Criminoso. Trindade... — A 21,15... — «O homem das Cinco Horas» e «Orquestra Sul Americana». A 21,30... — Matute.

Coliseu dos Recreios... — A 21... — Luta. Frenó... — A 21,15... — «O Pão de Ló». Maria Vitoria... — A 20,30... — Foot-Ball. Sôlo 80... — A 15 e 21,15... — «La Revoltosa» e «Castas Blanca». Joaquim de Almeida... — 20,30 e 21,30... — Fox-trot.

Cinema L. Vicente (A Graça) — Espectáculos às 3.º, 4.º, 5.º, sábados e domingos com matinées.

Luz... — Todas as noites. Concertos... — Versões.

## CINEMAS

Tivoli — Olympia — Central — Condes — Chiado Terreiro — Ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança — Tortoise — Cine Paris.

— Papillon, o bom rapaz

A festa de hoje no Asilo-Escola  
António Feliciano de Castilho

Comega às 16 horas a festa que hoje se realiza neste conhecido Asilo-Escola de Cegos cujo magnífico programa é o seguinte:

1.ª parte: «Anilo de Hierro» (zarzuela), pela orquestra, de M. Marques; «Serena da Árabe», pela orquestra, de F. Tarraga; «O Ribeirinho», poesia da aluna Maria Pereira, de D. Maria da Conceição Vassalo Lamas (Rosa Silvestre); «Prelúdio», para piano, pelo aluno Edmundo Macedo, de Carlos Botelho; «Resignation», trio para violino, violoncelo e piano, pelos professores António Marques e Manuel Prego e aluno Edmundo Macedo, de Fauchonier; «Murmúrios» e «O Cigano», pela aluna Emilia Montalvo, de Tupynambá; «Eco», capricho, pela orquestra, de Augusto Marques; «Uma breve evocação do passado», palestra pelo dr. Magnus Albrecht Bergström, advogado e professor.

2.ª parte: «Marcha Turca», pela orquestra, de Mosart; «Joyeuse», pelo aluno Joaquim da Silva Rosário, de Beethoven; «Brindis», solo de violino, pelo professor António Marques, de Alarc; «Quinta-feira da Ascensão», canto pelas alunas, de Emilia Montalvo; «O Catavento» e «A Morte», pela aluna Emilia Teixeira de Avila; «Anneau d'Argent», romanza pela aluna Emilia Montalvo, de C. Chaminade; «Viver», pela aluna Emilia Montalvo, de Nicolau de Albuquerque; «Favotito», marcha pela orquestra, de J. Garcia.

## Últimas notícias

A greve geral  
na Inglaterra

Como de igual para igual

LONDRES, 8.—O órgão oficial do congresso dos «trade-unions» publica uma longa proclamação afirmando mais uma vez que o conselho geral está pronto a entrar em negociações com o governo, mas sem a menor condição prévia.—(L.)

Mais precauções do governo

LONDRES, 8.—Várias tentativas de assalto aos meios de transporte ainda se realizaram hoje, tendo o governo tomado medidas de precaução para proteger os serviços de abastecimento, especialmente nas docas.

Um discurso sem importância

LONDRES, 8.—O visconde de Grey, antigo ministro liberal dos negócios estrangeiros, escrevendo no British Gazette, acrescenta à sua condenação da greve geral a declaração da sua ilegalidade, intem feita por sir John Simon. O visconde de Grey diz que a greve não foi declarada para apoiar as exigências dos mineiros sobre salários, mas sim para derrotar um governo democrático parlamentar, a quem a liberdade se acha confiada e que tem de a manter. Fora deste governo, uma única alternativa se encontra: o Fascismo ou o Comunismo; qualquer hostil e hostil à Liberdade, «é possível»—prosegue o antigo ministro—que a maioria dos que decrearam a greve geral não desejem derribar o governo parlamentar, mas o facto é que a sua atitude o tem ameaçado, obrigando-o a defender tenazmente a liberdade constitucional, antes de que qualquer questão possa ser debatida, esforçando-se toda a comunidade, por tal conseguir e por impedir a revolução. O visconde de Grey termina dizendo que as indústrias só podem ser salvadas acabando-se com a greve e voltando às negociações.—(L.)

A solidariedade do operariado russo

LONDRES, 8.—Segundo se afirmava esta tarde nos meios do congresso dos Trade-Unions, durante a reunião desta manhã do seu conselho executivo foi recebido um cheque de alguns milhares de libras enviado pelo conselho geral dos sindicatos russos, com sede em Moscovo.

Ainda não se iniciaram negociações

LONDRES, 8.—Depois da reunião de hoje da comissão executiva, o sr. Cook, secretário geral da federação dos mineiros, declarou não haver mudança alguma na situação, nem o mínimo sinal de qualquer movimento para o regresso às negociações.

Tudo na mesma

LONDRES, 8.—Durante o dia de hoje a situação da greve geral não apresentou mudança sensível, tanto em Londres como no resto do país.

O remédio está no ar

PARIS, 8.—Durante o dia de ontem, 31 aparelhos asseguraram o tráfico entre Londres e Paris, transportando 101 passageiros e 8 toneladas de mercadorias.

O aniversário do nascimento  
de Marquês de Pombal

A direcção da Associação do Registo Civil comemora no dia 13 o aniversário do nascimento do Marquês de Pombal.

Realizar-se-há uma sessão solene pelas 21 horas e 30, na sua sede, sob a presidência do dr. Magalhães Lima, hoje considerado o símbolo da democracia portuguesa. Serão oradores, além do representante da Câmara Municipal e da comissão executiva do monumento ao Marquês de Pombal, os drs. srs. Albino Vieira da Rocha, Agostinho Fortes, Barros Lima e Ferro Alves.

Abrilhantará a sessão um grupo de alunos da escola de música desta colectividade sob a regência do seu professor sr. André de Oliveira Paredes. A direcção convida todas as colectividades liberais a fazerem-se representar.

«A BATALHA» no Funchal vende-se  
No Bureau de La Presse.

## Teatro Joaquim de Almeida

(Ao RATO)—Telefone N. 2703

## HOJE em 2 sessões

A revista em 2 actos e 9 quadros, original de Uns & Outros, música dos maestros Hugo Vidal e Raúl Portela

## Fox-Trot

NOS PRIMACIAIS PAPEIS:

Adelina Fernandes, Alvaro Pereira, Mari Laura, Alvaro de Almeida, Tereza Gomes e J. de Oliveira.

LA NOVELA SOCIAL

LA REDENCION DE PIERROT

E' o título do n.º 9 da interessante coleção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o título genérico de *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de \$50. Pelo correio \$70.

Preços

(Incluindo todos os impostos)

Frizas 40\$00

Camarotes 40\$00

30\$00 e 20\$00

Fauteuils 10\$00

Superiores 6\$50

Geral 4\$00

Varandas 3\$00

## Abertura da estação

Convidamos V. Ex. as a nossa já muito acreditada casa para ver (sem obrigaçao de comprar) o nosso lindo stock de tecidos recebidos directamente das melhores fábricas do país e estrangeiro que foram comprados muito em conta, devido ao câmbio actual. Trabalho esmeradíssimo.

Preços de combate! Não há luxo!

A NOSSA DIVISA: GANHAR POCOU, PARA VENDER MUITO

## ATENÇÃO!!!

Para fazer propaganda à nossa já bastante conhecida casa, resolvemos vender, até ao fim do mês de Maio, fatos de pura lã, género inglês, com muito bons forros, por preço de esc. 288\$00. Também aceitamos fatos a feitio.

J. E. ROSENFARB & FAJNER  
AVENIDA DA LIBERDADE

ENTRADA PELA RUA DAS PRETAS, 49

## Coliseu dos Recreios

HOJE às 9 e meia HOJE

Torneio Internacional de Luta

Lutas para hoje:

Manuel GRILLO contra ZBYSHKO

português russo

DEGLANE contra KORNATZ

francês alemão

YAGO contra SPEWAZECK

estoniano tcheco-slovaco

Números artísticos

SOLIDARIEDADE

Manipuladores de Pão

Realiza-se hoje pelas 21 horas uma festa

promovida por este sindicato no salão da Construção Civil, calçada do Combro, 38,

A, 2.º para auxilio das despesas a fazer com o julgamento dos prêses da classe, encontrando-se os bilhetes que restam à venda à entrada do Salão. O programa é o seguinte:

1.ª parte vários números pelo aplaudido grupo musical os bichinhos. 2.ª parte: «Os gatunos de luta branca» pelo grupo dramático «Solidariedade operária» e «A Tempsa». 3.ª parte: um acto de variedades em que toma parte o amador Américo Gomes (Português).

Entretanto, a pesar de todos os desmentidos as conferências prosseguem, sem qualquer carácter oficial, no desejo único de palpar a eventualidade duma solução. Não se sabe que plataforma será encontrada, mas é fácil de prever: os salários não serão aumentados, nem tampouco as horas de trabalho. Será proclamado o *statu quo*, isto é, a mesma situação existente antes da greve, o que demonstrará a vitória dos trabalhadores.

O bloqueto da burguesia

LONDRES, 8.—Um comunicado oficial informa que os chefes dos sindicatos de transportes e dos caminhos de ferro ordenaram que se fizessem o necessário para paralisar e impedir o abastecimento de víveres e artigos de primeira necess



# A BATALHA

O SENHOR ALTISSIMO

Prova-se que "A Batalha" tinha razão quando atacava  
a polícia nos seus podres e escândalos

## O que têm sido as ligações de Azevedo Coutinho e o que valem os famosos organismos da Esquerda Democrática

Telegrams ultimamente publicados indicam os nomes dos indivíduos implicados no assassinato do Comissário da Polícia Civil de Lourenço Marques, capitão Henrique de Sousa; e por eles se vê que tal crime nenhuma ligação teve com o grandioso movimento levado a efeito pelos ferroviários de Moçambique.

Antes se constata que o crime saiu das casas de tavolagem, e que destas, durante muitos anos, ninguém fôrma maior adversário do que o «Emancipador» órgão das classes operárias.

Sabe-se mais que Vitor Hugo, tendo reprimido o jôgo em Março ou Abril de 1925, meses depois, para acalmar uma campanha violentíssima contra él, campanha em quem sequer era poupadâa sua família — transigiu com um grupo de casas de jôgo, precisamente com aquelas que pertenciam ao grupo apontado hoje como implicado no crime.

Compreendia-se: Azevedo Coutinho, na iminência de entrar em guerra com a classe ferroviária, larga-se nos braços dum grupo de jogadores que o tinham anavaliado violentamente; mas, esmagado, pela tortura, pelo crime, pela hediondez mais feroz, pela deportação, pela mordacia e pelo assassinato, o grandioso movimento dos trabalhadores dos C. F. L. M. — Azevedo Coutinho ordenou uma batida às casas de jôgo com quem tinha pactuado nas horas difíceis, resultando de tal gesto, a serem verdadeiras as notícias telegráficas que correm mundo, a tragédia que prossegue, sem vida, o capitão Henrique de Sousa.

Os ferroviários fizeram um movimento ordeiro. Foram perseguidos, assaltados, presos, martirizados, deportados, abatidos a tiro, — sem a mínima razão. Eles negaram-se a trabalhar, quando souberam que lhes roubavam regalias anteriormente conquistadas, mas mais nada. Deixaram as máquinas na melhor ordem, as oficinas na mais perfeita compostura. Pelas ruas não soltaram uma palavra, não fizeram um gesto que os comprometesse ou que fosse censurável.

Todas as violências partiram do governo. Todos os crimes foram praticados pelos seus agentes; e, caído varado o agente mais ativo do torvo governo do «Nero de Moçambique», descreve-se ainda que com esse crime não teve a greve, que o atentado se filia numa vingança de jogadores que viram poucos dias antes encerrado o casino... Assim se faz a história.

\* \* \*

Apurado que Azevedo Coutinho ou os seus agentes andaram de braço dado com um grupo de jogadores, vejam agora o ridículo que representa, em Lourenço Marques, aquilo que pomposamente se apelida de «Organismos da Esquerda Democrática», — os tais que protestaram contra a justiça campanha que a Batalha tem feito a propósito dos crimes sociais e administrativos praticados por Azevedo Coutinho.

Quem são os da esquerda? Vejamos. Aí por fins de Setembro ou princípios de Outubro, Figueiredo Lima, num corneta desafinada a soldo de Vitor Hugo e da Secretaria de Finanças, convocava para uma reunião os elementos da esquerda, a fim de se dar combate às candidaturas da Direita Democrática.

A primeira reunião (a mais concorrida) assistiram 14 pessoas.

Foram elas: Figueiredo Lima (ex-sargento expulso do exército e preso por espionagem); J. Moura (comerciante falso por 2 vezes); Branquinho (rapto de menores); José Domingos Couto (professor com uma crônica sujíssima que já fôra alvarista, camachista, democrático silvista); Vasco Dantas (professor que bebe quartil).

## O primeiro de Maio na província

### Em Setúbal

Realizou-se uma sessão na Associação dos Trabalhadores do Mar

SETÚBAL, 6. — Pelas 16 horas, realizou-se na vasta sala da Associação dos Trabalhadores do Mar a sessão comemorativa de 1º de Maio.

Presidiu Antônio Casimiro, da Construção Civil, secretariado por Manuel de Sousa, da J. S., e Francisco Pacheco Lino, administrador da Voz Sindical.

Depois dum breve saudade da mesa a todo o proletariado, falou David Correia, lamentando que numa cidade de milhares de trabalhadores se façã uma sessão só com algumas centenas.

Discretando sobre a origem do 1º de Maio, diz que a acusação feita aos mártires de Chicago é igual à que a burguesia actual faz aos operários dos nossos tempos.

Se a burguesia tem direito a possuir tudo, os operários têm igual direito. Mas para isso necessária é uma forte organização.

A melhor homenagem que poderíamos prestar aos mártires de Chicago, seria nessa data constatarmos uma forte e consciente organização proletária. Condena a organização burguesa-estatal, comparando as verbas dispendidas com o exército e com a instrução.

Não podemos esperar do Estado, ou dos políticos, a nossa emancipação, mas sim de nós próprios.

Faz um apelo aos trabalhadores para que ajudem a imprensa operária, porque é a quem defende os interesses dos operários, referindo-se em especial à difícil situação que atravessa a Voz Sindical e aos serviços que éste semanário presta à causa dos oprimidos. Refere-se ainda à crise de trabalho e ao papel da máquina, visto estar na posse do capitalismo.

Protesta contra a prisão de João Major, que o arremedo de industrialismo de Setúbal arremessou para a cadeia, dizendo ser necessário um forte movimento de protesto para obter a sua liberdade.

Ihos na escola, mandados vir da cantina; Abílio Lopes (polícia); António Maria Pacheco, Fernando Figueiredo e Faustino da Silva (ferroviários); António Lopo Lacerda (pronunciado como bigamo); Ferreira (empregado de fazenda); Rosário (comerciante); António Lopes (assassinado do ferroviário Raúl Ferreira); e mais 3 anônimos. Ao todo 14, e, dentre elas, os 3 ferroviários acima referidos, o primeiro que estava disposto a filiar-se e os dois últimos que assistiam, como curiosos.

António Maria Pacheco e Fernando Figueiredo, foram deportados para Lisboa, pelo crime de terem criticado Figueiredo Lima por estar atraigoando as ideias esquerdistas, vendendo-se ao bonzo Azevedo Coutinho e combatendo os trabalhadores.

Fastião da Silva, o editor do «O Emancipador», passou meses fugido à maioria ferros perseguição dos agentes do Governo do «Nero.»

Que resta dos «Organismos da Esquerda Democrática» em Lourenço Marques?

Aquilo que acima fica e que espriemos não deixa 6 votos. Cossa tão ridícula que, tendo as últimas eleições, pela corneta de F. Lima, combatido as candidaturas de Vieira da Rocha e Delfim Costa, estas, talvez por isso mesmo, venceram por enormes maioria, enquanto os tais «Organismos» nem sequer compareceram à formação das mesas ou à bôca das urnas.

Está feliz o Partido Esquerdistas com tais representantes em L. Marques; não esqueça, que foi o chamado órgão do esquerdisto, sob a direção honorária do ex-tradutor do Niassa, quem, coerentemente apoiou, defendeu, seu cavalaria o bonzo Azevedo Coutinho, e que este, acamaradando com um grupo de jogadores, acamaradando também com os honradíssimos cavalheiros que acima ficam nomeados como constituindo, éles só, o que pomposa e telegráficamente chamaram «Organismos da Esquerda Democrática.»

Em Lourenço Marques toda a gente sabe o que aí fica, como sabe que Vitor Hugo, tendo combatido as candidaturas do seu próprio partido, se lançara nos braços do ex-sargento Figueiredo, esquerdistas de gema, porque as comissões políticas «da direita» lhe retiraram todo o apoio e confiança.

Daqui resultou esta anomalia: um Alto Comissário bonzo, apoiado e defendido por um esquerdisto; um indivíduo que se dirige esquerdisto, protestando contra a campanha da Batalha que outra causa não tem feito senão defender a vida e as regalias dos trabalhadores, ao mesmo tempo que põe a nô estigmatiza os crimes sociais e administrativos praticados por Azevedo Coutinho.

Um lindo quadro de coerência política...

Os mesmos «organismos», habituados à delação reles e infame com que tantos ferroviários arrastaram às prisões e à deportação, — delataram também o nome dum perseguido pela ferocidade de Nero e seus súditos, como sendo o autor da campanha da Batalha.

Erram o alvo, mas demonstram o desejo de engrossar o número de vítimas.

Há hienas a quem nem um caudal de sangue satisfaria.

As que constituem os ridículos «organismos» que ainda espionam por Lourenço Marques, pertencem esse gênero.

«Nero» embarca amanhã

O alto comissário de Moçambique, telegrafou ontem ao ministro das Colônias, comunicando que embarca amanhã, para o Cabo da Boa Esperança, a-fim-de tomar o paquete que dali parte no dia 14 de corrente, pertencente à Union Castle, e que chegou à Madeira, diz que segue diretamente para Lisboa.

Raúl Adão, das J. S., saluda os mártires de Chicago.

Fala sobre a origem da exploração do homem pelo homem, e passa depois a apresentar o confusionalismo estabelecido nos meios operários, pela divisa comunista que preconiza uma nova modalidade do Estado que é preciso derruir, para completa felicidade dos povos.

Terminou incitando a U. S. O., a organizar fortemente o movimento operário de Setúbal.

Fala em seguida José Quaresma, pelo Grupo de Defesa Social. Relembra a luta pelas 8 horas de trabalho, que originou a tragédia de Chicago. Refere-se ao papel dos anarquistas no movimento operário, dizendo que é longa a lista dos propagandistas do ideal imolados à causa dos trabalhadores. Salienta a necessidade dum forte organismo, para opor uma barreira à exploração burguesa. Em nome dos anarquistas saúda a velha Barcelona portuguesa.

Jáime Rebelo, dos Marítimos, lamenta que nesta hora solene não se encontre ali representada a sua classe, visto él se encontrar desorganizada. Friza a exploração que a classe marítima está sofrendo, por parte de mestres e armadores, isto motivado pelo incremento do cooperativismo defendido pela organização burguesa.

A seguir Baptista Gonçalves, representando a F. J. S., diz que à Juventude falta o apoio dos sindicatos operários, pelo indifferentismo das massas trabalhadoras.

Declara que o papel das Juventudes não é a destruição, mas sim a educação, como o demonstrou há dias, pela forma elevada como decorreu o seu II Congresso. A cidade deve ingressar nos Núcleos, abandonando os vícios da taberna e do futebol, com o qual discorda, pela sua acção nociva.

Insurge-se contra a crise que vitima os trabalhadores, únicos produtores da riqueza pública.

Alude ao assassinato de um operário da construção civil, por um mestre de obras, verberando a acção da justiça absolvendo o assassino e condenando a viúva do assassino.

Fala depois Ernesto Bonifácio, delegado da C. G. T.

Constatou com prazer a efervescência da

luta operária em Setúbal, pois que há 7 anos viu que essa luta não correspondia à fama de Barcelona portuguesa, que esta cidade tinha no país.

O operariado não quer derruir a burguesia. Pois bem. A questão estáposta: ou o proletariado tem força para encarar o problema da revolução, ou é esmagado.

E' preciso lançar o grito de revolta. A burguesia encontrou uma nova modalidade de defesa — o fascismo.

Refere-se à extradição de Paulo da Silva, propondo que a mesa envie um telegrama ao ministro da França, protestando contra esse facto.

Em seguida apresentou a moção da C. G. T., que, por proposta de Baptista Gonçalves, foi aprovada por aclamação.

Carta a um intelectual de botas rotas, por Eduardo Frias.

As afirmações de Wells no seu esquema da «História Universal» por F. C. C.

Espiritismo, por Ladislau Batalha.

Os que vivem da fome, por E. F.

O actual movimento político da India, por Fernando da Costa.

A D. R., por Eugenio Navarro.

O que todos devem saber... (com gravuras).

Chico, Zecas & C. (com gravuras).

Ensino liceal

Os delegados da comissão dos pais dos alunos dos liceus devem comparecer amanhã, pelas 14 e meia horas, no Parlamento.

PROPAGANDA SINDICAL

Em Peniche

PENICHE, 6.—Com enorme concorrência realizou-se no sindicato dos marítimos uma sessão de propaganda sindical em que usaram da palavra Hermano dos Santos e Jaime Paulino Casqueiro.

Aberta a sessão pelas 21 horas foi dada a palavra a Hermano dos Santos que denunciou o abandono a que os marítimos voltaram o seu sindicato.

Jáime Paulino Casqueiro declara que quando os marítimos abandonaram o seu sindicato acreditaram no sentimento do patronato nos atender. Declara que se tem entrevistado maioria e minoria da vereação, mas à parte a minoria socialista e esquerdistas que defendem o critério de que a Câmara dos Povos deve pagar, a maioria cruzou os braços e o vereador das finanças sr. Emmanuel Rohr, fez a afirmação no sentido de que o pagamento dos 60% que o pessoal está auferindo, é ilegal, porque pago porque quer (l) porque a proposta do sr. Daniel Rodrigues só manda pagar o aumento depois de haver verba. Isto quanto às reclamações de caráter material. Quanto aos 8 dias, diário aos canteiros, partes de doente, serviço moderado, guardas e pessoal de higiene, todos prejudicados pelas tabelas de 1924, tendo-se avistado com vários vereadores, chegou-se à conclusão que era assunto para baixar à comissão reorganizadora de serviços.

Os vereadores Joaquim Domingues e Mário Silva prometeram à comissão interessarem-se pelo assunto. Diz mais que por requerimento do vereador Alfredo Franco na última sessão do Senado foi deliberada destinar-se uma sessão extraordinária para o assunto. Portanto apela para todos os camaradas para que compareçam a essa sessão a fim da vereação saber que a classe deseja a satisfação das suas reclamações.

Jáime Tiago, da C. G. T., pronunciou um interessante discurso de propaganda revolucionária, aconselhando, no final, todos os trabalhadores a ler A Batalha — único jornal que com denodo combate todas as explorações e todas as tiranias.

A sessão que esteve muito concorrida terminou no meio de grande entusiasmo.

Em Fafe

FAFE, 6.—Realizou-se nesta cidade uma sessão de propaganda sindical que foi presidida por João Humberto Matias, secretariado por João Brás e Luciano Ferro.

O presidente recorda a circunstância do mau estado do tempo não ter permitido que se efectuasse a sessão do 1º de maio e manifesta o seu regozijo pelo facto desta estar largamente concorrida de operários.

Dá em seguida a palavra a Alberto Monteiro, delegado da C. G. T., que critica largamente o facto de muitos operários estarem atentando contra os seus interesses, despreitando-as 8 horas no momento em que se atravessa uma grave crise de trabalho. Faz em seguida a apologia das 6 horas de trabalho. Refere-se à greve mineira em Inglaterra, manifestando a sua admiração pela coesão, pela energia e pela solidariedade manifestadas pelos trabalhadores britânicos. Termina por aconselhar todos os presentes a prepararem-se para evitar que o fascismo seja um facto.

Falu a seguir Manuel Henrique Rijo que aconselhou os novos a integrarem-se nos Núcleos da Juventude sindicalista a-fim-de nesses prepararem a sua educação revolucionária.

O capitalismo para entrar a marcha do progresso está adoptando as fórmulas políticas mais regressivas apoiando-se na força, implantando ditaduras. Recorda a propósito dos acontecimentos desenvolvidos em Espanha, em Itália e na Bulgária. Saliente a circunstância de em Portugal o partido democrático vir mantendo há anos uma ditadura permanente. Critica largamente as deportações julgando considerando-as fora de todas as leis e de todos os princípios de humanidade.

Termina aconselhando todos os trabalhadores a ingressarem nos seus sindicatos.

Em seguida João Humberto Matias faz um discurso de propaganda sindicalista, findo o qual foi encerrada a sessão.

sia, pretendem espalhar na organização sindical. Tudo isto, afirma, são fenômenos sociais que a grande massa produtora não preconiza, enfrentando, procurando organizar-se para o combate à burguesia e aos políticos de todas as nuances.

Se dissessemos que tanto a romagem ao cemitério e sessão solene revestiram uma extraordinária imponência, certamente falaríamos à verdade, porque observámos que uma grande parte de trabalhadores manteve-se completamente alheia ao significado do 1º de Maio, trabalhando nesse dia.

No entanto, podemos afirmar que em Fafe existe uma élite de trabalhadores inspirados da boa vontade de honrar sempre as tradições revolucionárias do proletariado internacional. Pena é que essa massa operária, escravizada, mergulhada no falso convencionalismo do preconceito e do dogma, não saiba corresponder a essa boa vontade, animando-se no caminho da luta em prol do maior número possível de liberdades e de felicidades.

Na romagem efectuada ao cemitério, tomaram parte delegados da Federação da Construção Civil do Norte e F. J. S., além do sr. Manuel Teixeira que num prolongado discurso, com o qual estamos em desacordo nalgumas das afirmações produzidas, enalteceu a data trágica do 1º de Maio.

No regresso teve lugar a sessão solene presidida pelo camarada Clementino Samperi, secretariado por Adelino Teixeira Freitas e Antônio Sampaio.

Usa da palavra José Barbosa, da Federação da Construção Civil, Secção Federal, que começa por lamentar a falta de assiduidade do operariado fafense nas manifestações do 1º de Maio. Enaltece as tradições revolucionárias do oper